

ROMPENDO COM ESTEREOTIPIAS GRÁFICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDO PELO NÚCLEO DO PIBID - ARTES VISUAIS DA UFPEL A PARTIR DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE CHARLES GUILBERT

**PALOMA NOGUEIRA GOMES OSCHIRO¹; DANIELA OLIVEIRA DE ASSIS²;
ENZO JUAN XAVIER KARNOPP³; PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA⁴;
CAROLINE LEAL BONILHA⁵**

¹ Universidade Federal de Pelotas – paloma.noggomes@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – assisdaniela07@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – enzokarnopp@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – pepsilveirarts@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência é centrado em duas proposições artístico - educativas realizadas pelos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) Artes Visuais da UFPEl (Universidade Federal de Pelotas), uma iniciativa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O programa tem por finalidade inserir discentes da primeira metade dos cursos de licenciatura no cotidiano de escolas públicas, contribuindo assim para uma aproximação entre escolas e universidades e para uma formação de qualidade de futuros profissionais da educação.

As proposições aqui comentadas foram realizadas em turmas de primeiro e terceiros anos do ensino médio do Colégio Estadual Cassiano do Nascimento, em Pelotas - RS. A experiência decorre de uma parceria entre o PIBID e o programa de residências "*Trânsitos Excêntricos*", proposto pelo Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), e apresentado pela Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, no qual quatro artistas, divididos em duplas, compuseram dois ciclos de residência no museu. É importante ressaltar que o MALG é um museu universitário ligado ao Centro de Artes da UFPEl, aberto à comunidade e sem fins lucrativos¹.

O programa de residências se propunha a ser um espaço de compartilhamento de processos artísticos diversos, através de conversas entre artistas, curadores e o PIBID, além das apresentações de projetos, portfólios, bem como de exposições. Essas trocas foram o ponto de ignição para uma série de proposições nas quais cada grupo de *pibidianos* escolhia uma das poéticas apresentadas em cada ciclo da residência e as levava até as escolas. No caso da experiência relatada, escolheu-se a produção do artista canadense Charles Guilbert, que se desdobra em meios como o desenho, o vídeo, a performance e a música. Foi proposto primeiramente um exercício de desenho cego para os alunos a partir de questões presentes na obra do artista, a fim de criar meios para fugir de estereotipias gráficas da representação do signo casa, tendo na produção de Charles um elemento impulsionador para trabalhar também questões ligadas à memória, o afeto e a relação do corpo com os espaços da casa. Essa proposição se desdobrou posteriormente em desenhos na lousa das salas de aula onde as atividades ocorreram. Desta maneira, para fundamentar o texto aqui apresentado, além da produção de Charles Guilbert, apontamos os teóricos. Gaston Bachelard (1996) para pensar a relação entre a memória, o devaneio e a casa. Para pensar a

¹ Para saber mais acerca do museu acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/malg/>

linguagem do desenho de uma forma alargada dialogamos também com as reflexões da educadora e pesquisadora Susana Rangel (2011).

2. METODOLOGIA

A proposta de exercício a partir da produção de Charles Guilbert foi estabelecida através de uma breve exposição e diálogo com os alunos das turmas de primeiro e terceiro ano do Ensino Médio. Contextualizou-se inicialmente o projeto de residências do MALG para os alunos e, em seguida, apresentou-se a produção de Charles Guilbert em desenho e que possui como temática questões como: memória, desaparecimento e experiência do cotidiano, tendo como vetor imagens de casas. Através da poética de Charles encontramos maneiras de gerar potentes proposições que levariam os alunos a tecer outros olhares sobre os seus espaços cotidianos, inclusive a sala de aula. O fato do artista fazer uso do desenho foi crucial para determinar nossa abordagem, já que é um meio com o qual é possível trabalhar utilizando materiais básicos, como: canetas, lápis e papel, se mostrando relativamente acessível aos alunos e bolsistas.

Começamos a pensar na proposição por volta de uma semana antes de seu desenvolvimento em sala de aula, onde buscamos efetuar um planejamento que conseguisse dar conta das limitações que cercavam a realização do exercício, como: falta de equipamento de projeção para exibir as obras do artista e o curto tempo de duração da aula, cerca de uma hora aula (50 min). Como tática para superar essas dificuldades, imprimimos e distribuimos para os alunos as imagens de cinco obras de Charles Guilbert, onde era possível notar uma variedade de tratamentos visuais sobre o mesmo tema: narrativa visual, abstração, pontos, linhas, manchas que se apresentavam nas obras.

Após a distribuição de folhas e instrumentos de desenhos: canetas e marcadores aos alunos, realizamos a seguinte proposição: fechar os olhos e utilizar o tato para a realização de um desenho cego, a partir da memória das casas pelas quais eles passaram ao longo de suas vidas, ou que possuíam alguma relação afetiva. Buscamos desta forma, ativar a memória e um desprender do modo de desenhar considerado correto pelos alunos, calcado geralmente numa noção de representação naturalista, mostrando outras possibilidades e formas de compreender o desenho, o mundo e o corpo nesse fazer.

Em um segundo exercício propomos o oposto: convidamos os alunos que tinham interesse, para efetuar um desenho de olhos abertos só que em um novo suporte, a lousa escolar, saindo do gesto íntimo para uma expansão do corpo no espaço do suporte e da sala de aula. Esse desenho foi perpassado por um fazer coletivo, onde cada aluno realizava um detalhe de uma paisagem que tinha como disparador a mesma temática da proposição anterior, a casa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao propor a realização de desenhos cegos, tendo como pressuposto a memórias de casas, chegamos a um resultado que dialoga com a produção de Charles. As casas ora aparecem mais nítidas, ou tendem a desaparecer, virarem um amálgama de linhas, de modo semelhante ao que ocorre em parte da produção do artista canadense. Em relação a obra do artista, é possível notar que em seus processos de representação da casa, ele se direciona, em alguns momentos, para a abstração, para um apagamento que realça a efemeridade das nossas passagens sobre elas. Mas realça ao mesmo tempo que elas seguem em nossas memórias nos outros lugares pelos quais passamos. Nesse sentido, é interessante

apontar que no desenho dos alunos, essa relação com a casa extrapolou da arquitetura para objetos e outros elementos presentes nelas, e se relacionavam também com casas vistas em filmes ou descritas em livros, outras imagens de casas que rondavam os seus imaginários. Assim, os desenhos produzidos, às vezes remetem mais diretamente à imagem de uma casa e, em outros momentos, se distanciam de tal forma que o gesto parece transmutar em linha, a experiência por esses lugares pelos quais os alunos passaram, lembraram ou imaginaram.

A casa é um tema recorrente na história da arte e, é notável como ela e seus espaços atravessam nossas vidas, se tornam receptáculos de memórias e disparadores do imaginário, e que encontra na proposição em desenho um modo de manifestação das relações dos alunos e esses espaços. Esse aspecto da proposta por nós realizada e da poética de Charles Guilbert dialoga com o que o filósofo francês Gaston Bachelard discorre em *A poética do espaço* (1996), sobre a casa como um espaço no qual constituímos nossas primeiras memórias do mundo, de forma que a casa e seus espaços vivenciados na infância permeiam as nossas experiências nos demais espaços ao longo de nossas vidas. Dessa maneira, é interessante pensar como o desenho realizado pelos alunos durante nossa proposição é atravessado pelas memórias dessas primeiras casas que viveram, e que se fundem com o signo casa proposto por Charles, e pelas outras experiências, imagens e devaneios que os alunos possuem do que é uma casa.

Já na segunda proposição convidamos os alunos para que desenhasssem na lousa, um lugar que eles não utilizam com tanta frequência, acabou gerando uma mudança de dinâmica da organização de poder na sala de aula. Os alunos vieram até a frente, e decidiram o que iriam produzir. Eles passaram a comandar o processo e entre si, estabeleciam diálogos e se instigavam a desenhar. Nosso trabalho foi o de instaurar a situação e orientar parte do processo. Nesse segundo desenho, o traço pequeno se expandiu, assim como a presença dos alunos durante o exercício. No primeiro desenho, é notável a variedade de abordagens singulares do signo casa, as formas de arranjar os elementos no espaço que ocasionaram em resultados diferentes. Já no segundo desenho, que se constituiu na lousa, e com a possibilidade de enxergar o que era feito, foi perceptível que partiam de elementos mais genéricos, configurando inicialmente uma paisagem estereotipada, de uma casinha no centro, em meio a uma paisagem montanhosa e com um sol na parte superior. No entanto, no fazer coletivo, por várias mãos, algumas pistas das formas como cada um desenhava se mesclava com a dos colegas e transformava, ganhando também novas formas, dando origem a narrativas, tendo em vista a fabulação que muitos começavam a produzir a partir dos elementos ali presentes nas imagens e que as desdobravam e ampliavam visualmente e semanticamente.

Em relação a isso, ambas proposições acabaram contribuindo com maneiras de romper com estereotipias gráficas. A pesquisadora brasileira Susana Rangel Vieira da Cunha ao discorrer sobre as diversas formas de abordagem do ensino da arte e do desenho, aponta que muitas vezes o próprio arte educador carrega ou instaura estereótipos gráficos nos alunos. A autora discorre especificamente sobre a relação do professor com o contexto da educação infantil, no entanto, ao nos depararmos com uma sala de aula com alunos de 15 a 18 anos, muitos dos quais carregam essa estereotipia no desenho, notamos que seus apontamentos poderiam ser alocados para pensar esse exercício que realizamos com os alunos. A autora discorre que “uma das maneiras de o adulto romper suas formas cristalizadas é resgatar o seu próprio processo expressivo, voltando a brincar com os materiais, não tendo medo de mostrar suas próprias descobertas formais, espaciais e colorísticas [...]” (CUNHA, 2011 P. 8). Ao estabelecermos um desenhar

cego e um processo coletivo sobre um suporte grande, instauramos uma situação de jogo, de brincadeira, na qual os alunos puderam acessar uma outra percepção e relação com o processo de desenhar. Corrobora para isso também, os relatos de medo de errar ou do julgamento por parte de alguns alunos quanto aos resultados finais dos desenhos, mas que ao final, por ser um processo que pressupõe esse desenhar diferente, no qual a possibilidade de fazer algo mimético é quase mínima, era retirada boa parte desta carga de julgamento e pressão sobre eles.

4. CONCLUSÕES

Em nosso exercício propositivo, visamos aproximar, modos de se relacionar com o espaço da casa ou com a imagem dela que são perpassados por contextos culturais e sociais distintos. O de um artista estrangeiro, situado no norte global com a experiência e percepção de adolescentes do sul do Brasil. Mas aqui, através de duas proposições de desenho se relacionam, poética e esteticamente. Foi notável ver a reação de desprendimento dos alunos durante o processo, onde insistimos que não havia um errado durante o desenhar, onde lhes era permitido se soltar. Enquanto alguns ficaram receosos com o processo de desenhar cego, ou sentiam vergonha e se recusaram ir até a frente, os que o faziam assumiram uma posição de protagonista. Ressaltamos, que esse processo de ir até a frente foi um convite, e não uma obrigação. Não determinamos ordem alguma de quem iria ou, o que iria desenhar. Colocamos a decisão para os alunos. Assim sendo, nossas proposições de desenho, funcionaram para instaurar situações, nas quais os alunos eram instigados a essa mudança de posição, de postura do corpo na sala de aula, e de um olhar para o mundo, tendo como vetores o desenho e a produção de Charles Guilbert. Acreditamos, por fim, que encontramos nessas proposições, maneiras de fazer os alunos experienciar e vivenciar de outras formas o desenho, o que resultou numa distensão, mesmo que mínima, desse espaço e tempo da sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. CAPES. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 7 set. 2023.

Site e portfólio do artista Charles Guilbert. Disponível em: <http://charlesguilbert.ca/> Acesso em: 08/ set. 2023.

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. MALG. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/malg/programa-residencias-malg_2023/. Acesso em: 7 set. 2023.